

## A dinâmica cultural contemporânea e a revalorização da vida

*The contemporary cultural dynamics and the  
upgrading of life*

Edmilson Felipe da Silva

**RESUMO:** Este trabalho tem por objeto analisar a dinâmica cultural contemporânea, profundamente marcada pela relação espaço-temporal, bem como pelas novas articulações entre fluxos identitários e tecnologia. Parte-se do pressuposto de que a temporalidade em que vivemos apresenta uma volatilidade entre as mercadorias, bem como evidencia novas formas de sociabilidade que redefinem a vida dos indivíduos, independente de suas respectivas faixas etárias. No contexto atual de globalização em que fronteiras cada vez menos nítidas se apresentam, no que diz respeito à demarcação de limites físicos e territoriais estanques, podemos estabelecer que a dinâmica da cultura ganha outros conceitos e articulações que vão além das tradições, bem como dos pertencimentos. Neste cenário, o artigo pretende elaborar a crítica ao modelo econômico que fundamenta um ideário de progresso (crescimento), mas não dá conta das inúmeras outras emergências que surgem em outros campos de reflexão como ecológico, cultural, informacional.

**Palavras-chave:** Tempo-Espaço; Contemporâneo; Tecnologia.

*Abstract: This work has the purpose to analyze the contemporary cultural dynamics, deeply marked by the relation between space and time, as well as by new connections between identity flows and technology. Believing that the temporality in which we live has volatility between the commodities as well as highlights new forms of sociability that redefine the individual's lives, unattached to their respective ages. In the current context of globalization, where less defined borders presents themselves, in relation to*

*physical and territorial demarcation, we can establish that the dynamics of culture gains other concepts and articulations that go beyond the traditions as well as belongings. In this scenario, this paper aims to develop a critique of the economic model that bases an ideology of progress (growth), but does not deal with many other emergencies that arise in other fields of reflection as ecological, cultural, and informational.*

**Keywords:** *Time-Space; Contemporary; Technology.*

A sociedade contemporânea apresenta-se sob a égide de mudanças paradigmáticas. Os dispositivos que fundamentam essa afirmativa são muitos. Utilizamos o conceito de “dispositivo” conforme análise do filósofo italiano Giorgio Agamben, ou seja, “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (Agamben, 1990, p.40).

Nesse sentido, o contato dos seres vivos, bem como a proliferação de dispositivos, viabiliza inúmeros processos de subjetivação. Tais processos evidenciam novas formas de sociabilidade, práticas de atuação política, fluxos culturais e identitários.

Dentre as novas formas de sociabilidade, podemos destacar as relações que ocorrem no universo geracional, ou seja, cada vez mais podemos constatar na dinâmica da sociedade ocidental a presença de pessoas cuja faixa etária aumenta, bem como a relação destas com o universo contemporâneo.

Idosos que até então eram tratados dentro de um modelo antigo e ambivalente de aposentado, como sinônimo de “desocupado”, passam agora a produzir atividades que operam na lógica não só da inserção no sistema de trabalho industrial capitalista, mas na esfera da criatividade, através de instituições que viabilizam a revalorização do envelhecimento e a redefinição de políticas que estimulam a qualidade de vida.

A caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, a navegação, os computadores, os telefones celulares e a própria linguagem, são, para o autor, ferramentas que contribuem para a percepção da realidade ao longo das eras e, conseqüentemente, inserem novos aportes analíticos a respeito da relação espaço-temporal no contexto da mundialização.

Autores como David Harvey (1992), Manuel Castells (2005) e Zygmunt Bauman (2007), sugerem-nos uma contribuição significativa sobre a temática da temporalidade. David Harvey, em *A condição Pós-Moderna*, relata que, através da dinâmica do trabalho no sistema industrial capitalista, podemos entender o processo de aceleração da vida, ou seja, é no próprio processo produtivo que os indivíduos são submetidos às mudanças comportamentais.

Tal aceleração, profundamente acentuada pela tecnologia, propõe um aumento na aquisição de bens, legitimando, assim, a lógica do sistema e, em decorrência desses aspectos, diferentes práticas culturais solidificam-se e, conseqüentemente, evidencia-se a recorrência da sociedade rotulada como de consumo.

A obra de Manuel Castells intitulada *Sociedade em rede* relata como as tecnologias servem de base para fundamentar os fluxos que acentuam a dinâmica do trabalho e também dos espaços. A cidade, conforme relata o autor, deve ser entendida como um organismo vivo que se expande e cria novos ambientes de atuação. O virtual e o real são essa ambiência que viabilizam a interação e abrem caminho para diferentes práticas e relações sociais e de consumo.

Ainda tratando-se da questão sobre a dinâmica dos trabalhos podemos constatar mudanças como a flexibilidade em relação ao cumprimento de horas trabalhadas em fábricas ou indústrias substituídas pelo teletrabalho ou *home office* representando, na verdade, até mesmo a duplicação de horas de trabalho realizadas graças ou por causa da mobilidade tecnológica, tais como trabalhos fora da empresa em saguões de aeroportos, nas residências ou no trânsito entre uma reunião ou outra. Enfim, uma praticidade que dinamizou os negócios, contribuiu para o aumento de metas, na maioria das vezes, impraticáveis de serem atingidos, tornando a vida, nos grandes centros urbanos, potencialmente, estressante e competitiva.

É nesse contexto que podemos destacar a imagem como um dispositivo de fundamental importância para a contemporaneidade. Ser contemporâneo, diz Agamben, é não se deixar levar pela cegueira das luzes e sim enxergar no escuro, ou seja, o autor entende ser a luz, não o ideário iluminista do século XVIII, mas a sedução de uma sociedade cada vez mais irreversivelmente marcada pela tecnologia e pelo consumo. Cabe aqui um exemplo da obra de José Saramago *Ensaio sobre a cegueira*.

Nesta obra a metáfora da cegueira branca é apresentada como a ausência de percepção que o mundo nos oferece; um mundo cada vez mais marcado pela ausência de reflexão, compreensão e solidariedade. Estamos cegos, não pela ausência de luz e,

sim, por sua massificação através das informações que são jogadas cotidianamente aos nossos olhos. Sendo assim, o contemporâneo é aquele que enxerga no escuro, que capta a percepção do instante e elabora uma crítica ao modelo de realidade em que estamos vivendo.

No contexto atual de globalização, em que as fronteiras apresentam-se cada vez menos nítidas, no que diz respeito à demarcação de limites físicos e territoriais estanques, podemos estabelecer que a dinâmica da cultura ganha outros conceitos e redefinições que vão além das tradições, bem como dos pertencimentos.

Na obra *Vida para consumo*, Zygmunt Bauman analisa os aspectos que fundamentam a relação espaço-temporal através da dinâmica do consumo, ou seja, como a vida dos indivíduos passa a ser regida, segundo o autor, não mais pela dinâmica da produção e, sim, pelo fluxo de mercadorias que passam a consumir. Devemos levar em consideração aqui a durabilidade de determinados produtos e a fluidez da comunicação através da tecnologia.

O advento da internet, redes sociais, blogs e outras formas de interatividade e comunicabilidade, contribuem, vaticina o autor, com certas práticas consumistas.

Na *modernidade líquida* ou na era do *agorismo*, os comportamentos são cada vez mais diversos e a tecnologia fundamenta a dualidade do imediatismo, gerando o obsoleto mais facilmente.

A sociedade de consumidores representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas (Bauman, 2007, p.71).

Nessa colocação, o autor afirma que, em uma vida moldada pelo constante movimento, as pessoas se transformam em mercadorias, construindo uma imagem de si mesmas e promovendo-a, por exemplo, em redes sociais.

Essa condição favorece a identificação com o coletivo e gera individualidades, plasticidades, uma sociedade automatizada através da distinção.

O autor afirma também que, em uma sociedade de consumidores, a escolha nem sempre é fruto da pessoa, criticando assim a ideia de liberdade. A liberdade seria um compromisso da vocação que cada indivíduo tem, concernente à dependência às compras induzidas pela mídia e tecnologias que a cria, atingindo qualquer classe social sem distinção.

Disfarçadas como ideário de progresso, legitimam estratégias econômicas e revoluções tecnológicas na sociedade ocidental, preconizando um cenário de crises com frágeis perspectivas, para contribuir com tomadas de decisões a respeito da vida no/do planeta. As crises, segundo Edgar Morin, seriam: econômicas, ecológicas, demográficas, urbanas, rurais, políticas, religiosas e das sociedades tradicionais.

Do ponto de vista desenvolvimentista, existe uma crença exacerbada de que, para amealhar uma suposta qualidade de vida, é necessário atingir um grau de riqueza e bem-estar através de produtos, viabilizando a melhoria na vida das pessoas.

Torna-se necessário admitir a hipótese de que a qualidade de vida não necessita da quantidade de bens adquiridos através de uma desregulamentação do consumo.

Para as classes médias dos países emergentes, porém, ele trouxe também as intoxicações consumistas próprias a seus homólogos ocidentais, o crescimento do componente imaginário dos desejos, bem como a insaciabilidade das necessidades incessantemente novas. Trouxe os lados sombrios do individualismo, como o egocentrismo, a autojustificação (que suscita a incompreensão do outro), a sede de lucro (Morin, 2013, p.28)

Nessa linha de raciocínio, as solidariedades tradicionais dissolvem-se e o individualismo passa a imperar, contribuindo para uma ideia de progresso que envolve apenas a distinção entre grupos.

O ponto de vista econômico deve ser encarado, segundo o autor, não apenas como o único, pois as necessidades de se pensar um modelo multidimensional para determinados problemas, faz-se necessário se quisermos assumir um comprometimento ético.

Morin e Naïr (1997), no livro *Uma política de Civilização*, alertam para a inanidade de três dogmas da vulgata econômica: a ideia de crescimento econômico, de bem-estar e prosperidade, e a ideia de desenvolvimento ilimitado.

Estas três ideias estão envolvidas racionalmente em uma metodologia que investe na assertiva de que o pensamento neoliberal é unidimensional, ou seja, envolve uma única fórmula para se pensar os problemas do planeta e do mundo. A primeira, diz respeito à inovação tecnológica e à racionalidade do mercado; alternativas que creditam ao termo “quantificável” a melhor alternativa de se pensar um modelo de vida nas sociedades ocidentais.

Os autores são defensores da ideia de que o mundo moderno, globalizado e tecnológico, provoca impactos nas sociedades, nas relações humanas e, até mesmo, na relação do homem com a biosfera, representando desafios, oportunidades e ameaças.

O sistema global da atualidade não possui um centro organizador. O mundo que está sendo constituído atualmente é incerto, caótico e frágil. A mundialização faz um papel de unificação mundializante e, por conta disso, faz surgir efeitos chamados “balcanizadores”, parte de um sistema em que as nações mais novas e menos fortes se fecham culturalmente para que tal área de seu país não seja usurpada ao mesmo tempo que se abre economicamente.

As destruições culturais e civilizacionais trazidas por desenvolvimentos científicos/técnicos/capitalistas/industriais acendem mais uma vez as chamas da antiga barbárie (fanatismos, nacionalismos e etnocentrismos).

Para além desses efeitos, o chamado desenvolvimento, motor principal da mundialização, também pode ser traduzido como produtor de novos perigos mundiais. A partir dessa análise, os autores apresentam um diagnóstico do que a nossa civilização ocidental produziu, concluindo que, apesar de termos criado muitas condições positivas, acabamos também provocando inúmeras negativas tais como, a título de exemplo: o aquecimento climático, a degradação da biosfera, problemas nas metrópoles, ou exploração desmedida e intensiva de recursos minerais.

A busca pelo excesso da sensação de bem-estar, através da aquisição material, parece provir do neoliberalismo e da globalização, porém não condiz com o imaginado viver bem no que concerne ao bem-estar ecológico e moral. Há um grande mal-estar entre os cidadãos que mais se beneficiam da nossa civilização. É a partir desse diagnóstico que os autores elaboram a *Política de Civilização*, a partir da constatação dos problemas que assolam a humanidade e, que podem levar à destruição da mesma, procurando encontrar um equilíbrio que seja capaz de corrigir através da aplicação do princípio da solidariedade em oposição às barbáries de nosso tempo.

Essa política de civilização deve ter como objetivo desenvolver um espírito de civismo terreno já manifesto em conhecidas associações cívicas, ONGs como também instituições reguladoras.

Morin e Naïr pensam em uma solução sistêmica, propondo correções como a desaceleração, regulação e maior controle sobre a mundialização do liberalismo.

Salvaguardando tantas funções, é proposta uma organização política e cultural das nações numa confederação policêntrica e acêntrica, em que tanto Ocidente e Oriente, dialogariam visando a se complementarem. Em tudo isso, a noção de pátria seria estendida e entendida, não como área territorial, mas em toda a superfície planetária.

Essas propostas não seriam uma regressão da humanidade ou prejuízo econômico em particular, mas, sim, uma desaceleração em âmbito mundial que permitisse regular e controlar os efeitos da mundialização econômica, sem maiores prejuízos.

Os autores sugerem uma reeducação do pensamento corrente e a criação de uma confederação das nações que determine as linhas de política social e econômica no mundo, criando um desenvolvimento humano sem dividir o exame do complexo organizador/desorganizador formado pelo processo de mundialização.

A ideia de confederação permitiria a autonomia dos estados e evitaria a onipotência, possibilitando que a diversidade das culturas seja respeitada e que o desenvolvimento de uma unidade cultural da humanidade ou mestiçagem sejam pontos de convergência, respeitando individualidades, unidades e trânsitos culturais entre os povos. A religação e a propagação da ideia de uma cidadania terrena poderiam dar espaço para uma verdadeira humanidade.

Sendo assim, uma política da humanidade seria pensada, na medida em que os antagonismos e as complementaridades pudessem contribuir para um movimento que incluísse a indissolubilidade da Unidade/Diversidade.

Assim, para além do desenvolvimento que aponta para a superioridade de determinadas culturas em detrimento de outras, ou como expressão de superioridade em escala econômica e de crescimento - elencando assim um número exorbitante de diferenças e antagonismos que não se combinam ou se respeitam, uma política da humanidade deveria incluir os saberes e fazeres de povos tradicionais na dinâmica do sistema-mundo.

Pensar a tradição no contexto atual não significa apontar para um fechamento dessa tradição hermética com propriedades locais, mas sim investir na ideia da dialogia, dos pertencimentos, contribuindo para que os povos se sintam representados ao repensarem suas ações frente ao novo contexto.

Não se trata aqui, de modo algum, de idealizar as sociedades tradicionais que têm suas carências, seus fechamentos, suas injustiças,

seus autoritarismos. É preciso considerar suas ambivalências e também perceber suas qualidades (Morin, 2013, p.59).

O autor faz menção aos aspectos positivos da ocidentalização como: os direitos do homem, ou mulher, as autonomias individuais, a cultura humanista, a democracia, enfim, valores que podem muito bem estabelecer um elo de ligação entre as culturas tradicionais e os mais diversos pertencimentos.

Para isso, anuncia duas vias que compreende serem fundamentais e que vão além do desenvolvimento, ou seja, as sociedades agirem como simultaneamente autônomas e dependentes.

A primeira via é a simbiótica, em que determinados problemas ao surgirem em diferentes regiões do globo, possam ser pensados por países ricos e englobados por toda a humanidade como a fome, o envio de medicamentos para regiões mais carentes, entre outros.

Para além dessa perspectiva, um esforço também deveria ser alcançado para as demais soluções de problemas, desde que houvesse uma simbiose dos mais variados conhecimentos tanto o ocidental, como oriental sugerindo o aproveitamento de conhecimentos milenares de culturas arcaicas em profundo diálogo com a mais alta tecnologia e aprendizado.

A medicina seria um deles no que concerne ao encontro de alternativas para determinados problemas, pois as práticas médicas ocidentalizadas não fornecem possibilidades de entendimento do paciente no seu contexto familiar, e sociocultural.

Por uma via de integração entre os diversos conhecimentos, a atmosfera de melhoria de vida no planeta seria muito mais eficaz e as introduções de práticas e terapias de outros povos poderiam contribuir com esse processo.

Seguindo essa vertente de alternativas para a saúde, podemos observar também os diferentes tipos de envelhecimento, consequência do prolongamento da vida, bem como seus respectivos favorecimentos: envelhecimento sem patologia invalidante, no qual se expressa a dinâmica da potencialização da vida e a produção de obras de arte. A capacitação, cada vez mais efetiva, de instituições que reordenem iniciativas em relação à velhice. Morin cita a APA (Alocação Personalizada de Autonomia), que leva cuidados e auxílios em domicílio e também desenvolve a capacitação de profissionais na prevenção do envelhecimento cognitivo.

A frase de Rita Levi-Montalcini é exemplar: “Dê vida a seus dias mais do que dias à sua vida”, pois as novas perspectivas, apontadas por Edgar Morin, através destas vias, alteram o foco da dinâmica da vida, bem como o ato de envelhecer.

A via mestiça seria a segunda proposição para incluirmos em um modelo analítico mais detalhado sobre a diversidade de culturas singulares no mundo contemporâneo.

Seria fundamental possibilitar um diálogo entre os quase oito bilhões de *sapiens-demens* que habitam o planeta e que resultam na proliferação de diferenças apresentadas de forma significativa quando não, preocupantes.

A nova era de mestiçagem deve compreender o movimento de abertura e fechamento frente à influência estrangeira; em que a ideia de cultura pura possa ser substituída por uma fundamentação identitária que aprimore a língua, a cultura e os costumes às múltiplas contribuições exteriores.

A cultura una e diversa deve seguir o fluxo de informações e multiplicidades, sendo possível dela florescer novos modelos analíticos que redirecionem valores envolvidos com tradição, pertencimento e diversidade.

## Referências

- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar.
- \_\_\_\_\_(2007). *Vida para consumo – A transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar.
- Castells, M. (2005). *Sociedade em rede*. São Paulo (SP): Paz e Terra.
- Featherstone, M. (1999). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis (RJ): Vozes.
- Fischer, M. (2009). *Futuros antropológicos: redefinindo a cultura na era tecnológica*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar.
- Harvey, D. (1994). *Condição pós-moderna*. São Paulo (SP): Loyola.
- Morin, E. (2013). *A Via (para o futuro da humanidade)*. Rio de Janeiro (RJ): Bertrand Brasil.
- \_\_\_\_\_(2005). *O método 6: Ética*. Porto Alegre (RS): Sulina.
- Naïr, S. & Morin, E. (1997). *Uma política de Civilização*. Lisboa (Portugal): Instituto Piaget.
- Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo (SP): Cia. das Letras.

Recebido em 01/12/2013

Aceito em 30/12/2013

---

**Edmilson Felipe da Silva** – Doutor em Ciências Sociais: Antropologia. Professor do Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP.

E-mail: dimi2005@uol.com.br